

Conquistando Corações e Mentes na América Latina

Avaliando a Influência da China na Confiança dos Latino-Americanos nas Forças Armadas dos Estados Unidos*

DRA. KELLY SENTERS PIAZZA, PHD,
ACADEMIA DA FORÇA AÉREA DOS EUA
MAJOR NOAH C. FISHER, USAF

Introdução

O século XXI remodelou fundamentalmente tanto a natureza do conflito global quanto as prioridades americanas de segurança nacional. Não mais preocupados com o desejo de conter o comunismo, os Estados Unidos voltaram sua atenção para a guerra global contra o terrorismo e para os poderes revisionistas. De acordo com a Estratégia de Defesa Nacional dos EUA de 2018, “O desafio central à prosperidade e segurança dos EUA é o ressurgimento da concorrência estratégica de longo prazo... Está cada vez mais claro que a China e a Rússia querem moldar um mundo consistente com seu modelo autoritário — ganhando autoridade de veto sobre as decisões econômicas, diplomáticas e de segurança de outras nações.”¹ A ampla influência econômica e política dos adversários modernos de hoje exige uma solução multilateral, desenvolvida em parceria com nossos aliados. Felizmente para os interesses de segurança nacional da América, o potencial inexplorado está dentro do seu próprio quintal.

Historicamente desconsideradas como parceiros naturais na busca da política externa americana, as forças armadas da América Latina estão cada vez mais (e, talvez, inadvertidamente) posicionando-se para servir como parceiros viáveis de coalizão em nossos esforços para combater o terrorismo e defender a ordem internacional baseada em regras. Os recentes aumentos de financiamento, fortalecimento das Forças e treinamento conjunto serviram para aprofundar muitas habilidades das Forças Armadas latino-americanas para colaborar com os Estados Unidos em direção a objetivos comuns de segurança nacional. Dito de outra forma, à medida que o tamanho, o profissionalismo e a capacidade dos militares

*As opiniões expressas neste artigo são apenas dos autores e não representam de forma alguma as opiniões, padrões ou políticas da Academia da Força Aérea dos Estados Unidos ou do governo dos Estados Unidos.

latino-americanos aumentam, há potencialmente muito a ganhar ao fortalecer parcerias regionais em busca de nossa Estratégia de Segurança Nacional.²

É importante notar, no entanto, que o potencial sucesso estratégico do fortalecimento de nossas parcerias militares regionais depende não apenas das capacidades crescentes dos próprios militares latino-americanos, mas também do apoio público aos esforços colaborativos de defesa nacional. O apoio público neste domínio requer confiança, e uma história frágil e intervencionista entre os Estados Unidos e a América Latina³ é amplamente entendida

como tendo fomentado um “legado de política externa de ressentimento”, abalando a confiança latino-americana nos Estados Unidos.⁴ Pesquisas recentes determinaram que o intercâmbio econômico em curso com os Estados Unidos pode ajudar a amenizar a percepção negativa de longa data que os latino-americanos têm dos Estados Unidos.⁵ Ainda não está claro, no entanto, se a interconexão econômica é poderosa o suficiente para gerar percepções positivas em relação aos militares dos Estados Unidos — a instituição mais logicamente associada às práticas intervencionistas. De fato, embora estudiosos americanos e formuladores de políticas tenham dedicado atenção às percepções públicas latino-americanas em relação aos Estados Unidos, menos atenção tem sido dedicada à percepção sobre os próprios militares dos Estados Unidos. Este artigo busca preencher esse vazio e avaliar as expressões coletivas de confiança dos latino-americanos nas forças armadas dos Estados Unidos.⁶

Além disso, este artigo também tenta entender a potencial influência negativa do aumento do *soft power* da China (ou “a capacidade de moldar as preferências dos outros”) sobre a América Latina quanto a percepção pública em relação aos militares dos Estados Unidos. Embora os militares norte-americanos tenham sido estrategicamente focados no Oriente Médio (e, cada vez mais, na região Ásia-Pacífico) após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a China tem feito notáveis incursões na América Latina nos domínios do comércio e do investimento financeiro. De acordo com o Serviço de Pesquisa do Congresso (2020), «o comércio total China-América Latina aumentou de US\$17 bilhões em 2002 para quase US\$315 bilhões em 2019» e «os bancos chineses (China Development Bank e China Export-Import Bank) tornaram-se os maiores credores da América Latina».⁷ Pesquisas sugerem que a imagem dos latino-americanos sobre a China está melhorando como resultado das “operações de influência” de total alcance da China e do novo papel econômico na região.⁸ A crescente influência da China na região latino-americana impacta negativamente as percepções latino-americanas sobre os Estados Unidos e seus militares? Se assim for, esforços militares interamericanos colaborativos no hemisfério ocidental podem ser difíceis. Além das avaliações de atitudes básicas, este artigo busca entender até que ponto a influência

econômica da China e seu crescente *soft power* na região afetam as avaliações da confiança pública em relação aos militares dos Estados Unidos. Especificamente, este artigo aborda as seguintes questões de pesquisa: os latino-americanos confiam nos militares dos Estados Unidos? O crescente alcance global da China impacta as percepções latino-americanas sobre os militares dos Estados Unidos? Caso positivo, onde e em quem impacta? Como uma prévia, nossa principal constatação é que altos níveis de confiança no governo chinês (em comparação com os níveis de confiança no governo dos Estados Unidos) estarão negativamente associados à falta de apoio aos militares dos Estados Unidos e esses efeitos são mais acentuados em países de maior capacidade com presidentes de tendência esquerdista.

Nosso artigo prossegue da seguinte forma: primeiro, documentamos a ascensão da influência do *soft power* da China na América Latina e introduzimos nossas hipóteses de que esses desenvolvimentos poderiam servir para enfraquecer a confiança coletiva dos latino-americanos nos militares dos Estados Unidos, reduzindo assim o potencial de colaboração militar. Em seguida, continuamos com a introdução de nossos dados primários do Projeto de Opinião Pública Latino-Americana (LAPOP)⁹ e do projeto de pesquisa de modelos de regressão múltipla. Posteriormente, apresentamos nossas descobertas e discutimos suas potenciais implicações para a colaboração do hemisfério em apoio às metas de segurança compartilhadas, concluindo com várias recomendações políticas.

A Crescente Influência da China na Região

As atuais Estratégia de Defesa Nacional e Estratégia de Segurança Nacional (NSS) dos EUA deixam claro que a China emergiu como um concorrente em nível de igualdade aos Estados Unidos. Este status recém-descoberto é consequência em grande parte dos esforços ardentes da China para aumentar seu alcance financeiro, presença física e capacidades militares em todo o mundo. Embora o grau de sucesso alcançado pela China nessas metas varie entre os países, é irrefutável que sua presença global cresceu substancialmente, especialmente no campo financeiro. Concentrando seus esforços no mundo em desenvolvimento, a China fez profundas incursões na América Latina. A Figura 1 retrata o montante anual total (em bilhões de dólares) de empréstimos dos bancos da China – O Banco de Desenvolvimento da China (CDB) e o Banco de Exportação-Importação da China (Ex-Im Bank) – para governos latino-americanos e caribenhos e empresas estatais.



Figura 1. Empréstimos de bancos da China para governos latino-americanos e caribenhos e empresas estatais

Fonte: Banco de dados de finanças China-América Latina¹⁰

O entrincheiramento financeiro da China no mundo em desenvolvimento é, por si só, preocupante para os interesses da política externa dos EUA. Este desenvolvimento é especialmente incômodo devido às suas potenciais implicações para o aumento do *soft power* chinês. Segundo Moss, os países adquirem *soft power* quando são queridos, respeitados, confiáveis ou admirados.¹¹ A China parece estar se esforçando para promover essa percepção através de sua crescente presença na mídia, exposições culturais e intercâmbios de estudantes em todo o mundo. Carreras fornece algumas evidências preliminares de que a crescente presença econômica da China e os esforços direcionados para aumentar seu *soft power* provaram ser eficazes em mudar os corações e as mentes daqueles nos países beneficiários.¹² Se a crescente presença da China no mundo em desenvolvimento melhorou a percepção pública do país, como sugere Carreras (2017), teria isso, por sua vez, contribuído para a piora das avaliações das instituições dos EUA? Se sim, sob que condições e para quem? As respostas a essas perguntas têm implicações consideráveis para a formulação de políticas de segurança nacional dos Estados Unidos com parceiros regionais latino-americanos. Na seção seguinte, introduzimos várias hipóteses correspondentes às perguntas acima mencionadas. Então, passamos a delinear nossa abordagem para testes de hipóteses.

Hipóteses, Dados e Métodos de Pesquisa

Em linhas gerais, nossa pesquisa visa entender se o crescente *soft power* da China na região latino-americana influencia as avaliações de confiança latino-americanas sobre os militares dos EUA e atitudes em relação à colaboração militar

entre Estados Unidos e América Latina. Em linhas gerais, suspeitamos que percepções públicas positivas sobre a China impactarão negativamente as avaliações de confiança nos militares dos EUA e atitudes em relação à colaboração militar nacional. Afirmamos que os latino-americanos estão cientes da crescente concorrência entre os Estados Unidos e a China e, consciente ou subconscientemente, usam suas percepções sobre a China para fundamentar suas avaliações dos militares dos Estados Unidos. Nossas hipóteses específicas são as seguintes:

Hipótese 1: As percepções públicas positivas sobre a expansão da influência econômica da China estarão negativamente associadas ao apoio aos militares dos Estados Unidos.

Hipótese 2: Altos níveis de confiança no governo chinês (em comparação com os níveis de confiança no governo dos Estados Unidos) estarão negativamente associados ao apoio aos militares dos Estados Unidos.

Hipótese 3: Esses efeitos antecipados serão mais acentuados em países de maior capacidade com presidentes de tendência esquerdista.

Teste de Hipóteses

Para testar essas hipóteses, contamos fortemente com dados do LAPOP de 2012.¹³ Entre outros itens, esses dados do LAPOP avaliam percepções de influência chinesa e avaliações de confiança nas forças armadas dos EUA entre amostras representativas nacionalmente de 14 países latino-americanos.¹⁴ No total, 21.643 foram entrevistados nesses 14 países. Os dados do LAPOP são bem adequados para serem usados para testes de hipóteses não apenas porque incluem questões pertinentes às nossas hipóteses, mas também por causa de sua extensa cobertura geográfica.

Confiança nas Forças Armadas dos Estados Unidos

Uma das perguntas incluídas na pesquisa do LAPOP de 2012 foi: “Quanto você confia nas Forças Armadas dos Estados Unidos da América?” em uma escala de 7 pontos que varia de 1 (“Nem um pouco”) a 7 (“Muito”). A resposta média a esta pergunta foi de 4,008. Isso sugere que os latino-americanos, em geral, apresentam níveis moderados de confiança nos militares dos EUA. No entanto, essa média obscurece a notável diversidade intra-regional (retratada na próxima página na Figura 2). As respostas individuais a esta pergunta do LAPOP compõem nossa variável primária dependente.

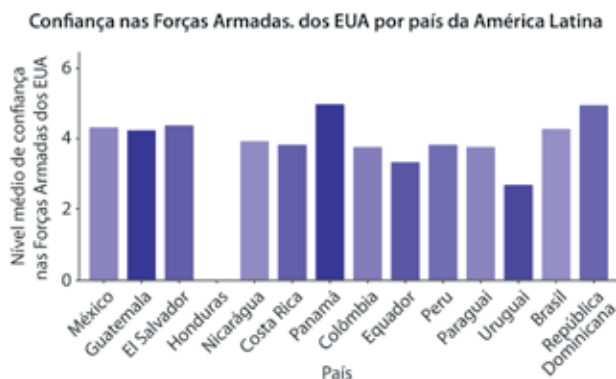


Figura 2. Confiança nas forças armadas dos EUA por país latino-americano

Fonte: Projeto de Opinião Pública Latino-Americana

Percepções do Envolvimento Chinês na Região

Junto com a questão no tocante à confiança nos militares dos EUA, os dados do LAPOP pedem aos entrevistados da pesquisa que classifiquem a influência que a China tem sobre seu país de 1 (“Muito Positiva”) a 5 (“Muito Negativa”). Usamos respostas a esta pergunta para testar nossa primeira hipótese e reverter a escala original — de tal forma que 1 corresponde a “Muito Negativa” e 5 corresponde a “Muito Positiva” — para a facilidade de interpretação. A resposta média a esta pergunta (3,56) sinaliza que os latino-americanos têm percepções geralmente positivas sobre a China. Isso sugere que a China está efetivamente estendendo seu alcance de *soft power* na região latino-americana. Assim como nas avaliações de confiança, a percepção dos latino-americanos sobre a influência chinesa varia entre os países. A Figura 3 captura e retrata essa variação.

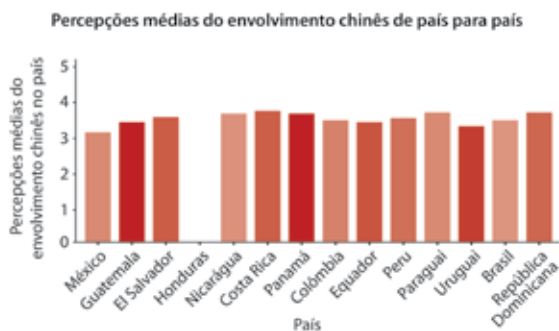


Figura 3. Percepções Médias do Envolvimento Chinês País por País

Fonte: Projeto de Opinião Pública Latino-Americana

As pesquisas do LAPOP também pedem aos entrevistados que avaliem até que ponto confiam no governo chinês, perguntando “Na sua opinião o governo da China é muito confiável, um tanto confiável, pouco confiável, não confiável, ou você não tem uma opinião?” As respostas a esta questão permitem-nos testar nossa segunda hipótese e avaliar ainda mais até que ponto o crescente alcance financeiro e a presença física da China na América Latina aumentaram seu *soft power* na região. Recodificamos essas respostas a valores numéricos, onde 4 corresponde a “Muito confiável” e 1 corresponde a “Nem um pouco confiável”. Talvez mais valioso do que esta pergunta em si é o fato de que a pesquisa do LAPOP em consideração pediu aos entrevistados latino-americanos que fizessem as mesmas avaliações do governo dos Estados Unidos. Isso nos dá, como pesquisadores, uma oportunidade única para avaliar o impacto da diferença entre avaliações de confiança numericamente codificadas no governo dos Estados Unidos e no governo chinês sobre atitudes em relação aos militares dos EUA. A Figura 4 sugere que, em média, o nível de *soft power* dos Estados Unidos suplanta o da China (-0,19). As respostas individuais a essas perguntas do LAPOP compõem nossa variável primária independente.

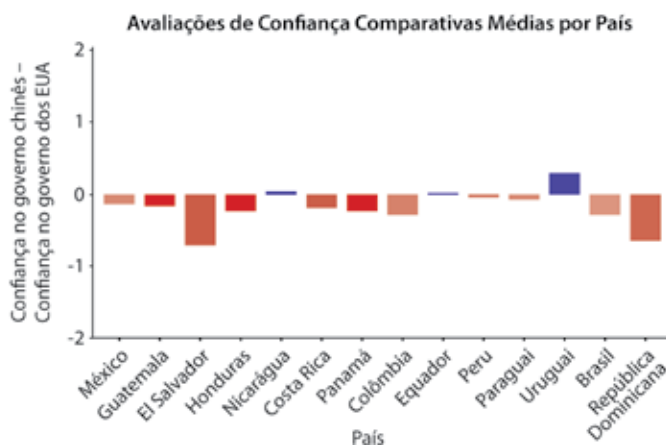


Figura 4. Avaliações Médias Comparativas de Confiança por País

Fonte: Projeto de Opinião Pública Latino-Americana

Variáveis de Interação e Controle

Além de nossas variáveis primárias dependentes e independentes, consideramos variáveis de interação e controle. Especificamente, consideramos múltiplos efeitos de interação que nos permitem testar nossa terceira hipótese de efeitos heterogêneos. Para capturar esses efeitos de interação, associamos vários indicado-

res de nível de país com os dados do LAPOP de nível individual. Especificamente, consideramos a sub-região (América Central ou do Sul), a ideologia presidencial e a taxa de homicídios. Argumentamos que tanto a sub-região quanto a taxa de homicídios servem para representar a capacidade do Estado (onde os países da América Central com maiores taxas de homicídios têm menor capacidade e onde os países da América do Sul com menores taxas de homicídios têm maior capacidade) e que a ideologia presidencial fala das inclinações ideológicas políticas dos países. Codificamos a sub-região de cada país com base na localização geográfica e compilamos dados do conjunto de “Resultados Eleitorais Latino-Americanos com Pontuações de Ideologia Partidária”¹⁵ de Baker e Greene (2019) e indicadores de desenvolvimento do Banco Mundial para codificar a ideologia presidencial e a taxa de homicídios, respectivamente.¹⁶ Nós fundimos esses indicadores de nível de país com nossos dados do LAPOP de nível individual. Isso nos dá a oportunidade de avaliar se o impacto da influência econômica e *soft power* da China na percepção dos latino-americanos sobre os militares dos Estados Unidos difere com base em certas características de nível de país.

Além das variáveis interativas primárias de nível nacional, consideramos vários outros fatores no nível nacional, incluindo o desenvolvimento registrado (usando o indicador do Banco Mundial do Produto Interno Bruto¹⁷), a democracia (usando o indicador de democracia *Polity IV*)¹⁸, o investimento total registrado dos Estados Unidos no período anterior de cinco anos (usando dados do *US Bureau of Economic Analysis*¹⁹) e sub-região (quando não incluída no termo de interação primária). No nível individual, consideramos fatores convencionais de sexo, idade, educação, renda e ideologia, bem como as percepções de que a China contribui para o desenvolvimento econômico nacional. Os dados dessas variáveis de controle vêm do LAPOP.

Especificação de Modelagem

Modelamos cada uma dessas variáveis com uma especificação multinível. Esse tipo de especificação é ideal para trabalhar com estruturas de dados aninhadas (por exemplo, quando os entrevistados individuais da pesquisa são agrupados dentro dos países). Modelos multinível nos permite decompor a variância nas avaliações de confiança individuais dos militares dos EUA entre os dois níveis dos dados (ou seja, o nível individual e o do país) estimando uma interceptação aleatória. Isso permite que as interceptações de nossos modelos variem entre os países. Podemos, então, explicar a variância nas interceptações com preditores de nível nacional. Para nossos modelos específicos, os preditores de nível nacional explicam 23,4 % da variância nas avaliações individuais de confiança dos militares dos Estados

Unidos. A especificação de modelagem específica que usamos para testes de hipóteses é a seguinte:

onde representa a avaliação de confiança de indivíduo i no estado j . Dependendo do modelo, ou é uma percepção do envolvimento chinês em um país ou uma avaliação relativa da confiança dos Estados Unidos e da China de indivíduo i no Estado j (descrito acima). Dependendo do modelo, é sub-região (América Central ou do Sul), ideologia presidencial ou taxa de homicídios (descrita acima). O vetor inclui variáveis de controle de nível individual (sexo, idade, escolaridade, renda, ideologia e percepções de que a China contribui para o desenvolvimento econômico nacional), e o vetor inclui variáveis de controle de nível nacional (desenvolvimento e democracia). Finalmente, representa efeitos fixos pelo Estado, e é o termo de erro.

Antes de apresentar nossos resultados, vale a pena comentar sobre possíveis preocupações de endogeneidade associadas à nossa especificação de modelagem. Como ambas as nossas variáveis primárias dependentes e independentes estão no nível individual, ficamos vulneráveis a críticas de que não está claro se as percepções sobre a China influenciam as avaliações de confiança nos militares dos EUA, ou vice-versa. No entanto, argumentamos que é pouco provável que os latino-americanos usem avaliações dos militares dos EUA, especificamente, para determinar suas posturas em relação à China devido às esferas dramaticamente diferentes em que os militares dos EUA e a China operam. Enquanto o papel das forças armadas dos EUA na região latino-americana é prioritariamente de segurança, o papel da China na região é principalmente econômico. Na verdade, Dominguez (2006) afirma que “as relações militares sino-latino-americanas são e permanecem modestas. . . . Os relatórios anuais do Departamento de Defesa dos EUA ao Congresso sobre o poder militar da República Popular da China em 2003, 2004 e 2005 não expressam preocupações sobre os papéis militares imagináveis da China na América Latina.”²⁰ A distinção entre os domínios da operação ajuda a dissipar preocupações relativas à endogeneidade. Apresentamos os resultados de nossas análises na seção a seguir.

Resultados

As tabelas 1 e 2 contêm os principais resultados dos modelos previamente especificados.²¹ A Tabela 1 avalia a relação entre a confiança nos militares dos EUA e as percepções da influência da China (correspondente às hipóteses 1 e 3), e a Tabela 2 examina a relação entre a confiança nos militares dos EUA e análises comparativas de confiança nos governos americano e chinês (correspondente às hipóteses 2 e 3). Os resultados fornecem suporte misto para nossas hipóteses, com evidências confirmatórias geralmente mais fortes para a segunda e terceira hipóteses.

	Variável dependente:		
	Confiança nas Forças Armadas dos EUA		
	(1)	(2)	(3)
Influência Chinesa	0.107 (0.082)	-0.035 (0.078)	0.212** (0.055)
Influência Chinesa * Taxa de Homicídios	0.001 (0.004)		
Influência Chinesa * Ideologia Presidencial		0.018** (0.007)	
Influência Chinesa * América do Sul			-0.185** (0.075)
Observações	3,418	3,418	3,418
Probabilidade logarítmica	-7,161.668	-7,157.304	-7,151.309
Informação crítica akaïke	14,355.340	14,346.610	14,330.620
Informações críticas Bayesianas	14,453.460	14,444.730	14,416.480
<i>Observação</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01		

Tabela 1. Explicando a Confiança nas Forças Armadas dos Estados Unidos

Fonte: Autores

Os coeficientes associados à “Influência da China” confirmam nossas expectativas descritas na Hipótese 1, de que as percepções públicas positivas sobre a expansão da influência econômica da China estarão negativamente associadas ao apoio aos militares dos EUA. Na verdade, há um apoio parcial, embora inconclusivo, da relação inversa. Especificamente, o coeficiente associado à “Influência da China” na terceira especificação de modelagem é positivo e estatisticamente significativo. Isso sugere que, pelo menos de acordo com este modelo, aqueles com percepções positivas sobre a influência econômica em expansão da China são, na verdade, *mais* propensos a expressar confiança nas forças armadas dos EUA. Isso refuta completamente nossa hipótese e revela uma relação interessante merecedora de pesquisas adicionais.

A Tabela 1 também serve para testar parcialmente os efeitos interativos descritos na Hipótese 3. Aqui, as evidências são especialmente misturadas. Especificamente, não há uma relação estatisticamente significativa entre a confiança nos militares dos EUA e a interação entre as percepções da influência da China e as taxas de homicídios. Há, no entanto, evidências confirmatórias de uma relação positiva e estatisticamente significante entre a confiança nas forças armadas dos EUA e a interação entre as percepções da influência da China e a ideologia do governo. Há também evidências de uma relação negativa e estatisticamente signi-

ficante entre a confiança nos militares dos EUA e a interação entre as percepções da influência da China e da América do Sul. Em essência, esses efeitos interativos sugerem que as percepções positivas sobre a influência da China têm um efeito maior sobre os sentimentos de confiança nos militares dos EUA em países da América do Sul com presidentes de esquerda do que em países da América Central com presidentes de direita. Para observar, encontramos efeitos interativos semelhantes quando avaliações comparativas de confiança servem como a variável independente primária em consideração (tabela 2). Retratamos visualmente e discutimos brevemente esses efeitos interativos com referência aos resultados decorrentes de modelos de acompanhamento. Em suma, os modelos da tabela 1 desconfirmam a hipótese 1, mas fornecem evidências confirmatórias parciais em apoio à Hipótese 3. Nós ainda examinamos a Hipótese 3 e testamos a Hipótese 2 abaixo na tabela 2.

	<i>Variável dependente:</i>		
	Confiança nas Forças Armadas dos EUA		
	(1)	(2)	(3)
Confiança na China > EUA	-0.459*** (0.063)	-0.441*** (0.062)	0.141** (0.045)
Confiança na China > EUA * Taxa de homicídio	0.008*** (0.003)		
Confiança na China > EUA * Ideologia presidencial		0.016** (0.006)	
Confiança na China > EUA * América do Sul			-0.323** (0.063)
Observações	3,418	3,418	3,418
Probabilidade logarítmica	-7,117.137	-7,116.388	-7,101.419
Informação crítica akaike	14,266.270	14,264.780	14,232.840
Informações críticas Bayesianas	14,364.400	14,362.900	14,324.830
<i>Observação</i>	*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01		

Tabela 2. Explicando a Confiança nos Militares dos Estados Unidos

Fonte: Autores

Os coeficientes associados à “ Confiança na China > EUA “ na tabela 2 confirmam nossas expectativas descritas na Hipótese 2 de que altos níveis de confiança no governo chinês (em comparação com os níveis de confiança no governo dos EUA) estarão negativamente associados ao apoio aos militares dos EUA. Os coeficientes negativos e estatisticamente significativos persistentes entre as especificações de modelagem fornecem evidências satisfatórias em apoio a essa hipótese. Além disso, os resultados contidos na tabela 2 permitem avaliar os efeitos heterogêneos de nossa relação primária delineada na Hipótese 3. Descobrimos que, assim como os resultados da tabela 1, os termos de interação primária envolvendo

ideologia do governo e sub-região são estatisticamente significativos. Além disso, o termo de interação associado à taxa de homicídios também é estatisticamente significativo. Estes fornecem evidências confirmatórias em apoio à Hipótese 3 de que as percepções públicas sobre a China e a influência chinesa na América Latina têm um efeito mais acentuado na visão dos militares dos EUA em países de maior capacidade com presidentes de esquerda. Nós investigamos visivelmente a natureza de cada uma dessas relações estatisticamente significativas na Figura 5.

	Variável dependente:		
	Confiança nas Forças Armadas dos EUA		
	(1)	(2)	(3)
Confiança na China > EUA	-0.459*** (0.063)	-0.441*** (0.062)	0.141** (0.045)
Confiança na China > EUA * Taxa de homicídio	0.008*** (0.003)		
Confiança na China > EUA * Ideologia presidencial		0.016** (0.006)	
Confiança na China > EUA * América do Sul			-0.323** (0.063)
Observações	3,418	3,418	3,418
Probabilidade logarítmica	-7,117.137	-7,116.388	-7,101.419
Informação crítica akaike	14,266.270	14,264.780	14,232.840
Informações críticas Bayesianas	14,364.400	14,362.900	14,324.830
Observação		*p<0.1; **p<0.05; ***p<0.01	

Figura 5. Avaliação da confiança no governo China-EUA no apoio aos militares dos EUA por taxa de homicídio, ideologia do governo e sub-região

Fonte: Autores

O Painel A da Figura 5 indica que uma maior confiança no governo chinês em comparação ao governo dos Estados Unidos tem um efeito maior sobre os sentimentos de confiança nas forças armadas dos EUA em países com taxas de homicídio mais baixas do que em países com maiores taxas de homicídios. Para reiterar, afirmamos que as taxas de homicídios servem como um importante sinal de capacidade estatal onde países com altas taxas de homicídios têm baixa capacidade e países com baixas taxas de homicídios têm alta capacidade. Interpretados por essa lente, nossos resultados indicam que indivíduos em países de baixa capacidade (ou seja, países com altas taxas de homicídios) permanecem mais firmes em suas avaliações de confiança nos militares dos EUA, independentemente de suas avaliações comparativas de confiança do governo.

Suspeitamos que isso possa surgir da dependência contínua dos países latino-americanos aos Estados Unidos para orientação em segurança, treinamento e assistência operacional (por exemplo, Operação Martillo do Comando Sul dos

EUA²²). Interpretamos nosso resultado para indicar que as preocupações com a segurança dominam as preocupações econômicas em países latino-americanos de baixa capacidade e que essa priorização informa e mantém avaliações constantes de confiança nas forças armadas dos EUA. Enquanto os Estados Unidos permanecerem preeminentes (ou mantiverem a percepção de preeminência) no domínio da segurança, nossos resultados sugerem que as avaliações de confiança nos militares dos EUA, pelo menos entre os países latino-americanos de menor capacidade, provavelmente permanecerão estáveis.

O painel B da Figura 5 indica que uma maior confiança no governo chinês em comparação com o governo dos Estados Unidos tem um efeito maior sobre os sentimentos de confiança nas forças armadas dos EUA em países com presidentes associados à ideologia política de esquerda do que em países com presidentes associados à ideologia política de direita. Este resultado confirma em grande parte a associação bem estabelecida entre ideologia política/partidarismo e apoio às instituições militares dos Estados Unidos e refina nossa compreensão do apoio aos militares dos EUA além das fronteiras nacionais.²³ O painel mostra que as avaliações de confiança nas forças armadas dos EUA se mostram inabaláveis entre indivíduos em países com presidentes afiliados a ideologias políticas conservadoras. Em contraste, as avaliações de confiança nos militares dos EUA flutuam mais notavelmente com avaliações comparativas de confiança do governo em países com presidentes afiliados a ideologias políticas de esquerda. Essas descobertas nos fornecem uma visão dos países que exigem atenção adicional e boa vontade dos Estados Unidos para compensar os efeitos negativos da confiança no governo chinês nas avaliações dos Estados Unidos e de suas instituições subsidiárias.

Finalmente, o Painel C da Figura 5 indica que uma maior confiança no governo chinês em comparação a no governo dos Estados Unidos tem um efeito maior sobre os sentimentos de confiança nos militares dos EUA nos países sul-americanos do que nos países da América Central. De fato, a confiança nos militares dos EUA permanece inabalável nos países da América Central em todo o espectro de avaliações comparativas de confiança. A suposta justificativa para o efeito interativo das avaliações comparativas de confiança e taxas de homicídios sobre a confiança nos militares dos EUA provavelmente mantém e ajuda a explicar os resultados do Painel C da Figura. Dito isso, também há uma história geográfica em jogo. É plausível suspeitar que, apesar dos esforços da China para aumentar seu alcance financeiro e seu *soft power* na região da América Central, os Estados Unidos mantêm-se em melhor posição devido às vantagens geopolíticas. Contato físico frequente e interações hemisféricas, compartilhamento de experiências culturais e laços linguísticos e relações econômicas e de segurança de longa data provavelmente forjaram um vínculo não diminuído pelos esforços da China para ganhar

influência na região. Os motivos acima mencionados provavelmente não serão testados, mas nossos resultados sugerem que avaliações de confiança dos militares dos EUA, pelo menos entre indivíduos em países da América Central, provavelmente permanecerão estáveis. Assim, precisamos concentrar nossos esforços para “conquistar corações e mentes” mais ao sul.

Em suma, encontramos apoio à Hipótese 2 e à Hipótese 3, mas não à Hipótese 1. Ou seja, descobrimos que níveis relativamente altos de confiança no governo chinês estarão negativamente associados à confiança nas forças armadas dos EUA e que avaliações positivas da China, em termos gerais, influenciam a confiança nos militares dos EUA mais em países sul-americanos de alta capacidade e em países com presidentes de esquerda. Além de testar nossas hipóteses primárias, os resultados de nossas análises fornecem evidências adicionais dos fatores individuais e níveis de países que influenciam as avaliações de confiança dos latino-americanos nos militares dos EUA. A seguir, detalhamos brevemente essas descobertas.

Independentemente da conceituação do *soft power* da China na região (percepções da influência da China ou avaliações comparativas de confiança do governo), nossos resultados completos sugerem que a idade e a educação estão negativamente correlacionadas com a confiança nos militares dos EUA e que os latino-americanos que detêm ideologias políticas conservadoras são mais propensos a confiar nos militares dos EUA do que seus homólogos que têm ideologias políticas progressistas. Nem sexo ou renda (no nível individual) nem sub-região, PIB, política ou investimentos diretos dos Estados Unidos (em termos de país) são preditores estatisticamente significativos de confiança nas forças armadas dos EUA. Curiosamente, o sexo não é um forte preditor de confiança nas forças armadas dos EUA, e os sentimentos de que a China contribui para o desenvolvimento econômico estão, em quatro das seis especificações de modelagem, positivas e significativamente correlacionados com a confiança nos militares dos EUA. Esses resultados, embora não centrais para nossa análise primária, aprofundam nossa compreensão de quem, entre nossos vizinhos latino-americanos, provavelmente manterá o setor militar dos EUA em alta consideração.

Discussão e Conclusão

A relação entre os Estados Unidos e a América Latina tem sido por muito tempo tênue, caracterizada por períodos de parceria e distanciamento. Hoje, a primeira linha de esforço declarada do Comando Sul dos EUA é “fortalecer parcerias” nas Américas Central e do Sul.²⁴ Ao mesmo tempo, a China busca “puxar a região para sua órbita através de investimentos e empréstimos liderados pelo Estado.”²⁵ Nossa pesquisa levanta sérias preocupações de que os esforços da China para aumentar o *soft power* na região estão rendendo dividendos comparativos de avaliação

de confiança prejudiciais aos interesses de segurança nacional dos Estados Unidos. Principalmente, aprendemos que altos níveis de confiança no governo chinês (em comparação com os níveis de confiança no governo dos Estados Unidos) estão negativamente associados ao apoio aos militares dos EUA. Embora preocupante, os resultados dos esforços de compensatórios dessas grandes potências para conquistar corações e mentes na América Latina não precisam somar zero.

Por um lado, se as percepções positivas das contribuições da China para o desenvolvimento econômico estão positivamente correlacionadas com a confiança nos militares dos EUA (como alguns de nossos resultados de pesquisa implicam), uma implicação é que ambos os países têm o potencial de aumentar simultaneamente a boa vontade na região. Investigações no futuro devem avaliar se essas atitudes estão ligadas tanto à visão dos latino-americanos sobre influência externa em seus assuntos nacionais quanto à percepção e confiança dos latino-americanos em suas próprias instituições nacionais políticas e militares. Outra ilustração pertinente é a nossa descoberta na pesquisa que avaliações comparativas de confiança que favorecem a China são menos impactantes na formação de percepções em relação aos militares dos EUA em alguns contextos do que em outros. Principalmente, apesar da crescente presença da China, as percepções públicas sobre os militares dos EUA permanecem relativamente inflexíveis nos países da América Central, bem como em países com presidentes de direita e baixos níveis de capacidade. Nos países que exibem essas características, um resultado de soma zero é especialmente improvável. Estudiosos, formuladores de políticas e outros profissionais obteriam grande ajuda ao sondar ainda mais o mecanismo subjacente a esses efeitos heterogêneos descobertos e ao investigar as circunstâncias em que avaliações positivas dos militares dos EUA se desdobram em países que não exibem essas características.

Embora os resultados dos esforços compensatórios dos Estados Unidos e da China para conquistar os corações e mentes na América Latina possam não levar a uma soma zero, nossa pesquisa mostra que a China está em uma vantagem clara quando se trata de *soft power* na região. Na medida em que as atitudes públicas e o apoio influenciam proeminentemente os resultados da segurança nacional, a vantagem da China deve ser preocupante para os Estados Unidos. À medida que os Estados Unidos se esforçam para aprofundar os laços com militares latino-americanos cada vez mais fortalecidos e profissionalizados, não pode negligenciar iniciativas para angariar apoio público para esforços colaborativos de defesa nacional. Os esforços futuros para aprofundar as colaborações militares inter-hemisféricas (ao mesmo tempo em que evitam a escalada de maior antagonismo de poder na região) devem apresentar iniciativas para aumentar a influência do *soft power* e, mais claramente, o apoio público às instituições parceiras. ◻

Notas

1. Resumo da Estratégia de Defesa Nacional dos Estados Unidos da América. 2018. *Department of Defense*, <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf> (acessado em 17 de junho de 2020).
 2. National Security Strategy of the United States of America. 2017. *A Casa Branca*, <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf> (acessado em 17 de junho de 2020).
 3. Baker e Cupery afirmam que “nos últimos dois séculos, os Estados Unidos anexaram territórios, colonizaram e ocuparam Estados independentes, embargaram o comércio, invadiram para cobrar dívidas, organizaram golpes, removeram líderes democráticos, apoiaram déspotas brutais, expropriaram terras, dominaram o comércio e relações de investimento e insurgências violentas patrocinadas na América Latina” (Baker and Cupery 2013, 108).
 4. Katzenstein, Peter J and Robert O Keohane. 2007. *Anti-Americanisms in World Politics*. Ithaca: Cornell University Press.
 5. Baker, Andy and David Cupery. 2013. “Anti-Americanism in Latin America: Economic Exchange, Foreign Policy Legacies, and Mass Attitudes Toward the Colossus of the North.” *Latin American Research Review* 48(2): 106–130.
 6. Nye Jr, Joseph S. 2004. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: Public Affairs.
 7. “China’s Engagement with Latin America and the Caribbean.” June 1, 2020. *Congressional Research Service*.
 8. Carreras, Miguel. 2017. “Public Attitudes Toward an Emerging China in Latin America.” *Issues & Studies* 53(01):1740004.
 9. The “Americas Barometer” by the Latin American Public Opinion Project (LAPOP), www.LapopSurveys.org.
 10. Gallagher, Kevin P. and Margaret Myers (2020) “China-Latin America Finance Database,” Washington: Inter-American Dialogue.
 11. Moss, Trefor. 2013. “Soft Power? China Has Plenty.” *The Diplomat* 4, <https://thediplomat.com/2013/06/soft-power-china-has-plenty/> (acessado em 17 de junho de 2020).
 12. Carreras, Miguel. 2017. “Public Attitudes Toward an Emerging China in Latin America.” *Issues & Studies* 53(01):1740004.
 13. The Americas Barometer by the Latin American Public Opinion Project (LAPOP), www.LapopSurveys.org.
 14. Os países das Américas Central e do Sul incluídos nesta pesquisa são os seguintes: México, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Equador, Peru, Paraguai, Uruguai, Brasil e República Dominicana.
 15. Baker, Andy, and Kenneth F. Greene. 2011. “The Latin American Left’s Mandate: Free-Market Policies and Issue Voting in New Democracies.” *World Politics* 63(1): 43-77.
- Coppedge, Michael. 1998. “The Dynamic Diversity of Latin American Party Systems.” *Party Politics* 4, no. 4 (October): 547-568. Lodola, German, and Rosario Queirolo. 2005. “Ideological Classification of Latin American Political Parties.” Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh.
- Pop-Eleches, Grigore. 2009. *From Economic Crisis to Reform: IMF Programs in Latin America and Eastern Europe*. Princeton: Princeton University Press. Wiesehomeier, Nina, and Kenneth Benoit. 2009. “Presidents, Parties, and Policy Competition.” *Journal of Politics* 71, no. 4, 1435-1447.

16. The World Bank. 2018. World Development Indicators. Washington, D.C.: The World Bank. <http://data.worldbank.org/data-catalog/world-development-indicators>.
17. O Banco Mundial. 2018. Indicadores de Desenvolvimento Mundial. Washington, D.C.: O Banco Mundial. <http://data.worldbank.org/data-catalog/world-development-indicators>.
18. Marshall, Monty, Ted. Gurr e Keith Jagers. 2016. *POLITY™ IV PROJECT Political Regime Characteristics And Transitions, 1800–2015 Dataset Users' Manual*. 1st ed. Centre for Systemic Peace.
19. U.S. Bureau of Economic Analysis, “Direct Investment by Country and Industry,” <https://www.bea.gov/data/intl-trade-investment/direct-investment-country-and-industry> (acessado em 17 de junho de 2020).
20. Domínguez, Jorge. 2006. “China’s Relations with Latin America: Shared Gains, Asymmetric Hopes.” *Inter-American Dialogue*, 1–59.
21. Os resultados completos da modelagem estão disponíveis mediante solicitação.
22. Ver <https://www.southcom.mil/Media/Special-Coverage/Operation-Martillo/e> <https://www.southcom.mil/Lines-of-Effort/Strengthen-Partnerships/Building-Partner-Capacity/para> mais detalhes.
23. Burbach, David T. 2019. “Partisan Dimensions of Confidence in the US Military, 1973–2016.” *Armed Forces & Society* 45(2): 211–233.
24. National Security Strategy of the United States of America. 2017. *The White House*, <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905>. (acessado em 17 de junho de 2020).
25. National Security Strategy of the United States of America. 2017. *The White House*, <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf> (acessado em 17 de junho de 2020).



**Dra. Kelly Senters Piazza, PhD,
Academia da Força Aérea dos EUA**

Dr. Kelly Senters Piazza é professora assistente da Academia da Força Aérea dos Estados Unidos. Estuda democratização, corrupção, descentralização, saúde pública e política de gênero na América Latina e publicou sobre esses temas na *Latin American Politics and Society*, *The Handbook of Brazilian Politics*, no *Handbook on Geographies of Corruption*, e *Global Policy*.



Major Noah C. Fisher, USAF

Major Noah C. Fisher é um gerente sênior de batalha aérea na Força Aérea dos EUA com vasta experiência tanto no E-8C JSTARS como na aeronave E-3A NATO AWACS. Possui mais de 450 horas de combate voando em missões no Afeganistão, Iraque e Síria, e forneceu comando e controle aéreo para as Forças Aéreas de mais de 25 nações parceiras. Major Fisher é mestre em Relações Internacionais pela Universidade de St. Andrews na Escócia e atualmente atua como Instrutor de Ciência Política na Academia da Força Aérea dos Estados Unidos.